Prefácio

Eliane Schlemmer

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHLEMMER, E. Prefácio. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação*: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 9-13. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

Nós, atores humanos, tecemos nosso viver e conviver cotidiano com outros atores humanos e não humanos. Foi assim, por meio desta imensa rede de interações que surgiu o convite para eu escrever o prefácio deste livro. A obra intitulada “FACEBOOK E EDUCAÇÃO: PUBLICAR, CURTIR, COMPARTILHAR” é resultado de tessituras entre professores-pesquisadores e estudantes-pesquisadores brasileiros e portugueses, a partir de seus processos individuais, tecidos nas suas respectivas ontogenias, que por sua vez são construídas no social. O Facebook é compreendido como uma mídia social, por meio da qual é possível constituir redes sociais. Como tanto o contexto no qual emerge a obra, bem como a temática a que se refere, envolve o conceito de social, busco elementos na Teoria Ator-Rede, para compreendê-lo. Latour (2012) compreende o social enquanto processo de agregações, associações e reassociações, entre atores humanos e atores não humanos. Nessa perspectiva, ator é compreendido como qualquer pessoa, coisa, (quase) objeto, instituição que produz agência e que tenha sua participação percebida, ainda que indiretamente, na(s) rede(s).

É nesse momento que efetivamente entro nesse processo e me agrego (com toda a rede da qual sou parte) à obra. Nesse processo de agregação, me encontro com os diferentes atores (incluindo os autores) que fazem parte desse contexto... leio, reflito, concordo, discordo, curto, (des)curto, comento e me autorizo a responder algo que o Facebook está sempre a me perguntar: “No que você

está pensando?” e, assim, publico e compartilho com você, leitor, minhas significações, que tem origem nas redes que vou construindo no exato instante em que vou me apropriando da obra, com tudo o que isso implica. “Foto?” São várias que surgem... desde as imagens que tenho da Edméa, em minha casa, até as da Cristiane, que fui buscar com a ajuda do Google, por não conhecê-la, assim como fiz também em relação a outros autores e, nesse processo, encontro velhos conhecidos... sem falar nas imagens das inúmeras postagens realizadas em diferentes grupos do Facebook, por muito dos autores dessa obra e ainda nas imagens que a própria leitura de cada texto, me conduz. “Com quem estou?” Estou com cada um, com todos, imbricada nesse processo, por também fazer parte desse contexto de ser professora-pesquisadora na área de Educação e Cultura Digital. “Como estou me sentindo?” Estou me sentindo curiosa, provocada, inquieta, satisfeita e em alguns momentos também insatisfeita com a leitura... Às vezes até cansada, por perceber que o tempo passou, muitas tecnologias novas surgiram, algumas teorias também, no entanto, a atribuição de sentidos, a significação que possibilita a nós, professores, modificar as metodologias, as práticas e os processos de mediação pedagógica parecem não acontecer no tempo e com a mesma intensidade que precisamos para que a educação possa ser significativa e efetivamente relevante para o atual sujeito da aprendizagem. Um sujeito que vive e convive num mundo híbrido, e para quem não faz mais sentido a separação entre um mundo analógico e um mundo digital, pois se trata de um *continuum* onde diferentes tecnologias coexistem no universo das interações. “Onde estou?” Depende... se me refiro a presença física, geograficamente localizada, digo que estou em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, sendo que o GPS, é capaz de mostrar a minha exata localização atual. No entanto, posso também estar me referindo a outras formas de presença, como a digital virtual... assim, estou também no Facebook, nos mundos virtuais em 3D, no hangout, nos games,... num contexto cada vez mais ubíquo e no qual tudo isso está em contínuo movimento, num processo de

imbricamento, ou seja, o viver e o conviver na atualidade ocorrem, cada vez mais, em contextos híbridos e multimodais, onde diferentes tecnologias analógicas e digitais estão presentes, integrando espaços presenciais físicos e online, constituindo assim, novos espaços para o conhecer. É nesses novos espaços que os sujeitos, em movimentos nômades, interagem, constroem conhecimentos, aprendem, o que nos faz pensar que uma nova cultura possa estar emergindo, não dicotômica entre a cultura analógica e a digital, entre imigrantes e nativos digitais, mas sim, uma cultura que coloca esses em relação, numa perspectiva de coexistência. A essa cultura poderíamos denominar “Cultura do hibridismo e da multimodalidade” ou ainda “Cultura ubíqua”, se consideramos o fato de que cada vez mais, as pessoas, os lugares e as coisas (objetos) podem estar interligados por redes de comunicação que possibilitam o tráfego de dados entre diferentes dispositivos e redes espalhadas por prédios, ruas, carros, enfim, em toda a parte, possibilitando a comunicação entre esses diferentes atores, de forma que a computação se torna praticamente invisível, nos possibilitando utilizá-la quase sem pensar, assim como o fazemos com a energia elétrica (SACCOL, SCHLEMMER; BARBOSA, 2010).

Retornemos a Latour (2012), e ao seu conceito de rede, entendida na perspectiva de rizoma, como algo vivo, mutável – fluxos, circulações, alianças, movimentos de uma série de elementos animados e inanimados e não como entidade fixa, reduzida a um conjunto de atores. A rede é o movimento associativo que forma o social.

Assim, voltando a falar “de dentro”, ao publicar, ao compartilhar, vou me tornando parte, vou tomando parte, construindo alianças, produzindo movimentos, como um dos atores humanos que vai se associando a outros atores humanos e não humanos e, assim, diferentes redes vão sendo tecidas.

Latour (2012) ao se referir ao binômio Ator-Rede propõe que o ator nunca age sozinho. Ao agir ele é influenciado (constituído) pelas redes nas quais têm conexões e, ao mesmo tempo, pode

representar essas redes, parte de seus atores, bem como influenciá-las. O ator é, ao mesmo tempo, construtor e receptor das redes. Nessa perspectiva, o social, não se deve simplesmente a pessoas, mas ao que acontece pelo princípio da associação, ao que é fluído, em processo de conexão, de forma que tudo está conectado numa rede com múltiplas entradas, sempre em movimento contínuo e aberta a novos elementos. O social é o que precisa ser explicado no processo de associações e reassociações.

Assim, na leitura do livro, inspirada pela perspectiva da Teoria Ator-Rede, fui percebendo vários movimentos fundamentais ao conjunto da obra. Movimentos que permitiram associações entre professores-pesquisadores e estudantes-pesquisadores brasileiros e portugueses, entre grupo de pesquisas, entre Programas de Pós-Graduação, oportunizados por diferentes atividades (presenciais físicas, online ou multimodais), o que resultou na identificação de que a mídia social Facebook se mostrava como algo recorrente em diferentes projetos de pesquisa e programas de formação docente e, portanto, havia a necessidade de uma maior reflexão e aprofundamento dessa temática vinculadas às práticas pedagógicas e de pesquisa, inscritas na cultura digital. Outro movimento percebido está vinculado a cada texto, as associações entre os diferentes atores humanos e não humanos presentes na escrita dos textos. Esses movimentos carregam, são influenciados, pelas diferentes redes com as quais os autores realizam conexões, e certamente, também influenciarão a constituição de novas redes.

É esse movimento que possibilita afirmar que a obra a que você está tendo acesso, nesse momento, apresenta elementos capazes de instigar a reflexão sobre a mídia social Facebook nos mais diversos contextos e situações, envolvendo os usos que as pessoas fazem dessa mídia; os temas que surgem e como esses se configuram enquanto objeto de estudo num ambiente de diálogo. Por meio da leitura você poderá melhor compreender os potenciais sociotécnicos e educacionais do Facebook, enquanto espaços de subjetivação,

sociabilidade e diferença; bem como os usos do Facebook no ensino superior e na formação continuada de professores.

Certamente, o livro apresenta contribuições relevantes e significativas para todos os que desejam compreender como as tecnologias digitais e a mobilidade ubíqua podem contribuir na formação de professores, bem como no desenvolvimento de distintas práticas educativas, considerando diferentes fenômenos educacionais e culturais que emergem no contexto da Cultura Digital. Assim, convidado você, enquanto ator, a estar conosco, realizando associações e contribuindo para ampliar essa rede e, quiçá, construindo novos projetos e soluções formativas para sujeitos desse tempo histórico-social e cultural.

Então... vamos LER, CURTIR e COMPARTILHAR?
#Partiu!

Eliane Schlemmer

*Programa de Pós-Graduação em Educação UNISINOS
Grupo de Pesquisa Educação Digital – GPe-dU UNISINOS/CNPq*